

A Indústria brasileira nos anos 90 e suas transformações

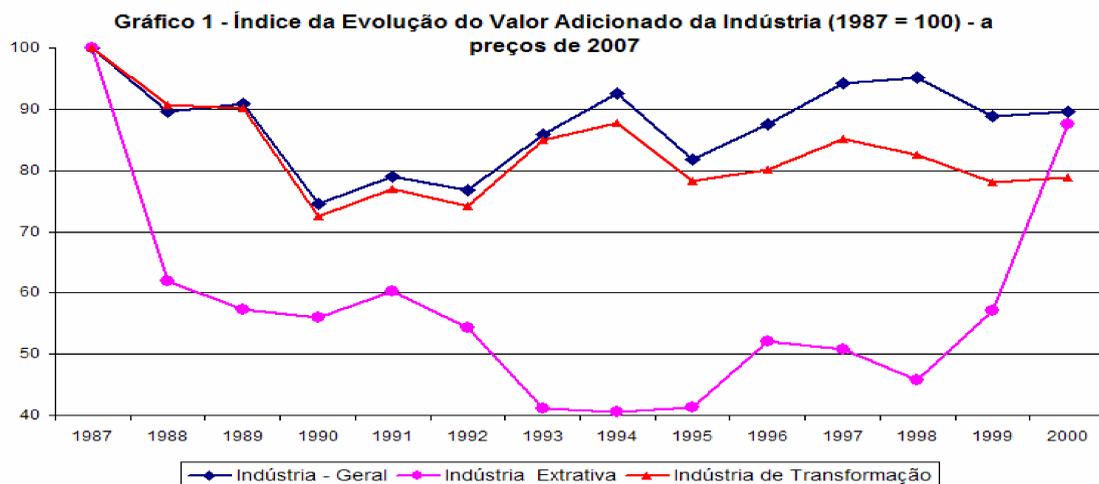
Aluno: Leandro Ramos Pereira

e-mail: le_eco@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Medeiros Carneiro
(IE/Unicamp)

Agência Financiadora: PIBIC/ CNPq

Palavras Chaves: Indústria – Transformações – Anos 90



Fonte: IBGE/PIM_PF. Elaboração Própria

A evolução da indústria brasileira nos anos 90 foi muito singular. As transformações macroeconômicas e estruturais que a economia sofreu neste período, com as aberturas comerciais e financeiras, o processo de estabilização da economia e a reestruturação do setor produtivo colocaram o Brasil num novo padrão de acumulação de capital, com um novo rearranjo entre o capital nacional, o capital internacional e o setor estatal.

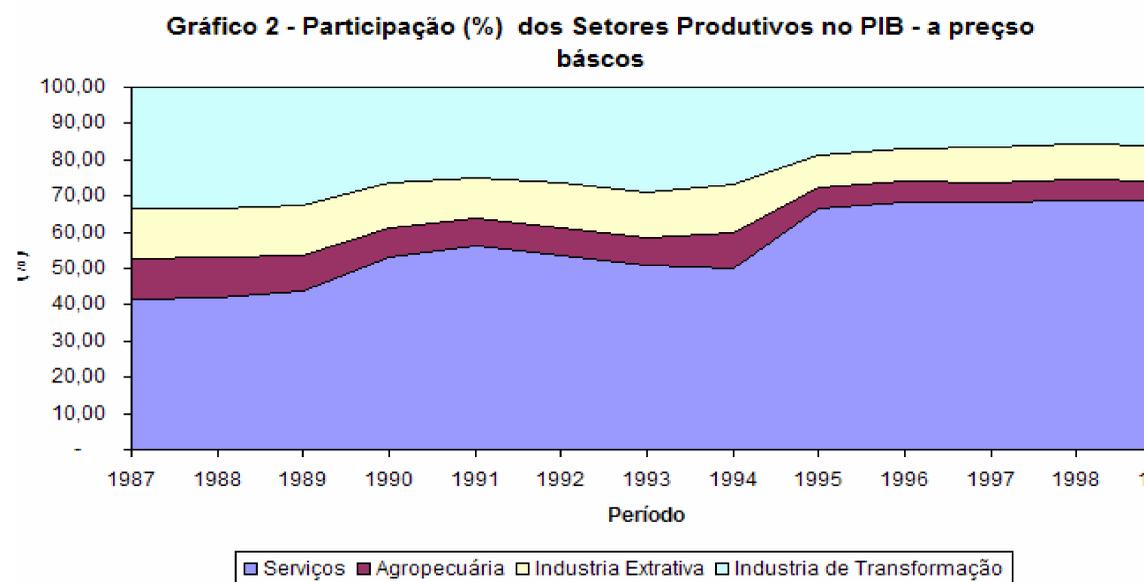
Neste período, a capacidade de crescimento da sua produção ficou estagnada. O valor adicionado da sua produção no fim de 1999 ainda não era superior ao valor verificado no início dos anos 90, apesar do crescimento, ainda que pífio, da produção física. A queda no valor agregado foi maior para os setores mais dinâmicos da economia.

Por sua vez, a participação dos setores produtivos, segundo intensidade tecnológica se alterou. Os setores mais intensivos em tecnologia perderam espaço para os setores mais intensivos em recursos naturais.

Do ponto de vista do setor externo, notamos que, tanto para as exportações, quanto para as importações, os setores com maior dinamismo foram os que mais cresceram. No entanto, a taxa de crescimento das importações foi mais intensa do que a taxa de crescimento das exportações, o que provocou um profundo desajuste na economia brasileira e tornou o país mais dependente de bens com maior conteúdo tecnológico. Além disso, houve uma forte penetração de insumos importados, o que comprovou a queda da indústria brasileira em agregar valor, diminuindo, desta forma, a capacidade do setor externo em gerar divisas.

Não foi a toa que o valor da transformação industrial caiu neste período, demonstrando uma profunda reestruturação empresarial, seja do ponto de vista organizativo, seja do ponto de vista do modo de produção, tendo profundos impactos na produtividade do trabalho que aumentou neste período consideravelmente.

Ademais, as privatizações e a abertura financeira condicionaram uma profunda desnacionalização das empresas brasileiras, e, conseqüentemente da indústria, que passou a representar quase 50% das maiores empresas.



Fonte: IBGE/SCN. Elaboração Própria.

Por sua vez, o aumento do IDE não foi capaz de elevar as exportações e, pelo contrário, propiciou um aumento das importações. Estes, por sua vez, se concentraram, principalmente, nos setores que antes eram estatais (portanto não tradeables) e se concentraram no mercado interno, não gerando divisas para o país.

Portanto, este processo de desnacionalização de parte do parque produtivo, de reestruturação patrimonial das empresas, de queda do valor adicionado das indústrias de maior intensidade produtiva, de aumento do coeficiente importador em relação ao coeficiente exportador, de estagnação do crescimento da indústria nos anos 90, de aumento da participação relativa da indústria intensiva em recursos naturais, será visto por alguns autores como uma forma de integração da economia brasileira com a economia mundial extremamente desfavorável, implicando restrições ao crescimento econômico, crises estruturais na balança de pagamentos, instabilidades financeiras e monetárias e desempregos. Para estes autores, a evolução da indústria brasileira seguiu o processo de especialização regressiva, já que os setores menos dinâmicos do ponto de vista tecnológico ganharam peso na produção interna, e os mais intensivos em tecnologia, além de perderem participação, aumentaram o seu conteúdo importado. Ou seja, neste processo, cadeias produtivas da indústria, principalmente insumos e bens de capital, deixaram de ser produzidas internamente, para serem produzidas no exterior.

Além disso, estas transformações acentuaram os problemas históricos da economia brasileira no que tange a dependência tecnológica (e portanto financeira), já que a maioria dos investimentos do período não estavam voltados para o comércio externo e dependiam da importação de boa parte dos meios de produção.